

JENNIFER L.
ARMENTROUT

AUTORA DA SÉRIE **DE SANGUE E CINZAS**

MAIS
QUENTE
QUE
FOGO

SÉRIE **DARK ELEMENTS**

INSIDE 
BOOKS

**MAIS
QUENTE
QUE
FOGO**

White Hot Kiss

Copyright © 2014 Jennifer L. Armentrout

Tradução © 2022 by Book One

Todos os direitos de tradução reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Tradução

Iana Araújo

Preparação

Mariana Martino

Revisão

Silvia Yumi FK

Tainá Fabrin

Arte, projeto gráfico, e diagramação

Francine C. Silva

Capa

*Renato Klisman |
@rkeditorial*

Tipografia

Adobe Caslon Pro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica
Ilacqua CRB-8/7057

A76m Armentrout, Jennifer

Mais quente que fogo [livro eletrônico] /
Jennifer Armentrout; tradução de Iana Araújo.
– São Paulo: Inside Books, 2022.

1Mb ; ePUB (Coleção Dark Elements ; Vol. 1)

ISBN 978-65-85086-03-5 (e-book)

Título original: *White Hot Kiss*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura
fantástica I. Título II. Araújo, Iana III. Série

22-5481

CDD 813

JENNIFER L. ARMENTROUT

SÉRIE DARK, ELEMENTS

**MAIS
QUENTE
QUE
FOGO**

INSIDE
BOOKS 

São Paulo
2022

Capítulo 1

Havia um demônio no McDonald's.

E ele tinha uma fome poderosa por Big Macs.

Na maioria dos dias, eu adorava o meu trabalho depois da escola. Identificar os desalmados e condenados geralmente me deixava quentinha por dentro. Eu tinha até estabelecido uma cota devido ao tédio, mas aquela noite era diferente.

Eu precisava rascunhar um artigo para a aula de inglês.

– Você vai comer as batatinhas? – perguntou Sam enquanto pescava algumas da minha bandeja. Seus cabelos castanhos e encaracolados caíam sobre o aro dos seus óculos. – Valeu.

– Só não pega o chá doce dela – Stacey deu uma tapa no braço de Sam, e algumas batatinhas foram ao chão. – Você perderia um braço.

Eu parei de bater o pé no chão, mas mantive os olhos no intruso. Não sei o que rola com demônios e McDonald's, mas eles amam o lugar.

– Ha-ha.

– Pra quem você tá olhando, Layla? – Stacey se virou no banco, espiando ao redor na lanchonete lotada. – É um cara gostoso? Se for, é melhor você... Ah. Uau. Quem sai em público vestido desse jeito?

– O quê? – Sam também se virou. – Ah, vá lá, Stacey, quem liga? Nem todo mundo veste roupa de grife falsa feito você.

Para eles, o demônio parecia apenas uma mulher de meia-idade sem nenhuma noção de estilo. Seu cabelo castanho apagado estava preso por um daqueles prendedores de cabelo antigos de plástico. Ela usava uma calça de veludo verde com um tênis rosa, mas era o seu suéter que era épico. Alguém havia tricotado um cachorro *basset* na frente, com olhos grandes e melosos feitos de linha marrom.

Mas apesar da aparência mundana, aquela senhora não era humana.

Não que eu pudesse julgar.

Ela era um demônio Imitador. Seu apetite astronômico foi o que entregou a espécie. Demônios Imitadores conseguiam comer a comida de uma pequena nação de uma só vez. Eles podem se parecer e agir como humanos, mas eu sabia que ela poderia arrancar a cabeça da pessoa na mesa ao lado com pouco esforço. Contudo, sua força desumana não era a ameaça. O verdadeiro perigo eram seus dentes e sua saliva infecciosa.

Eles gostavam de morder.

Uma mordidinha e a versão demoníaca da raiva era transmitida para um ser humano. Totalmente incurável, e, dentro de três dias, o brinquito de mastigar do Imitador se pareceria com algo saído de um filme de George Romero, incluindo as tendências canibais.

Por motivos óbvios, Imitadores eram um problema real – a menos que alguém achasse o apocalipse zumbi algo divertido. A única coisa boa era que Imitadores eram raros, e, cada vez que algum deles mordida alguém, sua vida era encurtada. Eles geralmente tinham cerca de sete boas mordidas antes de se extinguirem. Mais ou menos como uma abelha e o seu ferrão, porém mais burro.

Os demônios Imitadores podiam se parecer com o que quisessem. Estava além da minha compreensão o porquê de esse demônio escolher desfilas com uma roupa daquelas.

Stacey fez uma careta quando o demônio pegou um terceiro hambúrguer. Ela não sabia que estávamos observando. Imitadores não eram conhecidos por seus poderes de observação aguçados, especialmente quando estavam preocupados com a maravilha do molho secreto.

– Isso é nojento – Stacey se voltou para nós.

– Achei o suéter da hora – Sam sorriu enquanto mastigava mais das minhas batatinhas. – Ei, Layla, você acha que Zayne toparia ser entrevistado por mim para o jornal da escola?

Minhas sobrancelhas se ergueram.

– Por que você quer entrevista-lo?

Ele me lançou um olhar astuto.

– Para perguntar como é ser um Guardiã na capital, caçar os bandidos, levá-los à justiça e essas coisas.

Stacey riu.

– Você faz os Guardiões parecerem super-heróis.

Sam encolheu os ombros ossudos.

– Bom, eles meio que são. Quer dizer, qual é, você já os viu.

– Eles não são super-heróis – eu disse, caindo no discurso padrão que eu vinha fazendo desde que os Guardiões vieram a público dez anos atrás. Depois do aumento disparado da criminalidade, que nada tinha a ver com a recessão econômica que o mundo enfrentou, mas era mais como um sinal do Inferno nos informando que eles não queriam mais jogar pelas regras, os Alfas ordenaram que os Guardiões saíssem das sombras. Para os humanos, os Guardiões tinham saído das suas conchas de pedra. Afinal, as gárgulas que adornavam muitas igrejas e edifícios haviam sido esculpidas para se assemelharem a um Guardiã em sua verdadeira forma. Mais ou menos. Havia muitos demônios na superfície para os Guardiões continuarem a operar sem exposição.

– Eles são pessoas, assim como você, só que...

– Eu sei – Sam levantou as mãos. – Olha, você sabe que eu não sou como aqueles fanáticos que pensam que os Guardiões são maus ou algo assim. Eu só acho que seria legal e uma ótima matéria no jornal. Então, o que você acha? Zayne aceitaria?

Eu me mexi, desconfortável. Viver com os Guardiões geralmente me tornava uma de duas coisas: uma porta dos fundos para ter acesso a eles ou uma aberração. Porque todo mundo, incluindo meus dois amigos mais próximos, acreditavam que eu era humana como eles.

– Não sei, Sam. Eu acho que qualquer tipo de atenção da imprensa os deixa desconfortáveis.

Ele pareceu derrotado.

– Você poderia pelo menos perguntar a ele?

– Claro – eu mexi no meu canudo. – Mas não crie muitas expectativas.

Sam se recostou no banco duro, satisfeito.

– Então adivinha.

– O quê? – Stacey suspirou, trocando um olhar desolado comigo.
– Com que conhecimento aleatório você vai nos impressionar hoje?
– Vocês sabiam que é possível congelar uma banana até que ela fique tão rígida que dá para pregar algo com ela?

Eu baixei meu chá doce.

– Como que você sabe dessas coisas?

Sam acabou com as minhas batatinhas.

– Eu simplesmente sei.

– Ele vive com a cara no computador – Stacey afasta a franja negra e espessa do rosto. Não sei por que ela ainda não a cortou, ela sempre inventava moda com a franja. – Provavelmente fica pesquisando coisas aleatórias para se divertir.

– É exatamente o que faço quando estou em casa – Sam enrolou seu guardanapo. – Eu pesquiso fatos pouco conhecidos. É porque eu sou maneiro. – Ele jogou o guardanapo na cara de Stacey.

– Eu me enganei – diz Stacey sem pudores. – Você fica é pesquisando pornô a noite toda.

As cavidades das bochechas de Sam ficaram vividamente vermelhas enquanto ele ajeitava os óculos.

– Que seja. Estão prontas? Temos um rascunho pra fazer pra aula de inglês.

Stacey soltou um muxoxo.

– Não acredito que o senhor Leto não deixou a gente fazer nosso relatório de literatura clássica sobre *Crepúsculo*. Ele é um clássico.

Eu ri, momentaneamente esquecendo do trabalho que tinha a fazer. – *Crepúsculo* não é um clássico, Stacey.

– Edward definitivamente é um clássico pra mim – ela pegou uma fita de cabelo do bolso e amarrou o cabelo que lhe caía nos ombros. – E *Crepúsculo* é muito mais interessante do que *Nada de novo no front*.

Sam balançou a cabeça.

– Eu não acredito que você falou sobre *Crepúsculo* e *Nada de novo no front* na mesma frase.

Stacey o ignorou, seu olhar oscilando entre o meu rosto e a minha comida.

– Layla, você nem tocou no hambúrguer.

Talvez de alguma forma eu soubesse instintivamente que precisaria de uma razão para ficar por aqui. Eu omiti um suspiro.

– Vocês podem ir na frente, encontro vocês daqui a pouco.

– Sério? – Sam se levantou.

– Sim – Eu peguei meu hambúrguer. – Chego já.

Stacey me encarou de maneira suspeita.

– Você não vai nos abandonar como costuma fazer, né?

Eu corei, culpada. Já havia perdido as contas de quantas vezes eu havia os deixado para trás e sumido.

– Não, juro. Só vou terminar de comer e já chego.

– Vamos – Sam colocou um braço em volta dos ombros de Stacey, guiando-a para a lixeira. – Layla já teria terminado de comer se você não tivesse falado com ela o tempo todo.

– Ah, agora a culpa é minha – Stacey jogou o conteúdo da sua bandeja no lixo, acenando para mim enquanto eles saíam.

Eu larguei o hambúrguer na bandeja, observando a Senhora Imitador impacientemente. Pedacos de pão e carne caíam da boca dela, respingando na bandeja marrom. Meu apetite foi efetivamente abatido em segundos. Não que isso realmente importasse. A comida só aliviava a dor que roía minhas entranhas, nunca a saciando.

A Senhora Imitador finalmente completou seu banquete de gordura, e eu agarrei minha bolsa enquanto ela arrastava os pés para fora. Ela esbarrou direto em um idoso, derrubando-o de cara enquanto ele tentava entrar. Uau. Esse demônio era uma verdadeira joia.

Sua gargalhada podia ser ouvida dentro do restaurante barulhento, fina como papel. Por sorte um cara ajudou o idoso a se levantar enquanto balançava um punho para o demônio que se afastava.

Suspirando, joguei minha comida fora e a segui na brisa do fim de setembro.

Diferentes tons de almas estavam por toda parte, cantarolando em torno de corpos como um campo elétrico. Traços de rosa pálido e azul suave deixavam um rastro atrás de um casal andando de mãos dadas. Eles tinham almas inocentes, mas não puras.

Todos os humanos tinham uma alma – uma essência – boa ou ruim, mas demônios não tinham nada disso. Já que *a maioria* dos demônios na superfície se assemelhavam aos humanos à primeira vista, a falta de alma ao seu redor tornava fácil meu trabalho de encontrá-los e marcá-los. Além da falta de alma, a única diferença entre eles e os humanos era a maneira estranha como seus olhos refletiam a luz – como se fossem olhos de gato.

A Senhora Imitador caminhava pela rua, mancando ligeiramente. Na luz natural, ela não parecia bem. Era provável que ela já tivesse mordido alguns humanos, o que significava que precisava ser marcada e despachada o mais rápido possível.

Um folheto em um poste verde chamou minha atenção. Uma carranca feroz e senso de proteção me dominaram enquanto eu lia o que estava escrito: “Atenção. Os Guardiões não são filhos de Deus. Arrependa-se agora. O fim está próximo.”

Por baixo das palavras havia uma imagem grosseiramente desenhada do que eu assumi ser uma mistura de coiote raivoso com chupa-cabra.

– “Patrocinado pela Igreja dos Filhos de Deus” – eu murmurei, revirando meus olhos.

Bonito. Eu odiava fanáticos.

Uma lanchonete naquele quarteirão tinha os folhetos colados em suas janelas e uma placa proclamando que eles se recusavam a servir Guardiões.

Raiva se espalhou por mim como um incêndio florestal fora de controle. Esses idiotas não tinham ideia de tudo o que os Guardiões sacrificaram por eles. Eu inspirei o ar profundamente, liberando-o de maneira lenta. Eu precisava focar no meu Imitador em vez de espernear em silêncio com meus pés mentais na minha caixa de sabão imaginária.

A Senhora Imitador virou uma esquina e olhou sobre o ombro, seus olhos vidrados passando despercebidos sobre mim, dispensando-me por completo. O demônio nela não sentiu nada de anormal em mim.

O demônio dentro de *mim* estava ansioso para acabar logo com isso. Especialmente depois que meu celular tocou, vibrando contra minha coxa. Devia ser Stacey, perguntando-se onde diabos eu

estava. Eu só queria acabar com isso e voltar a ser normal pelo resto da noite. Sem pensar, eu levei uma mão até o pescoço e puxei a corrente que o envolvia. O velho anel pendurado no cordão de prata estava quente e pesado na minha mão.

Quando passei por um grupo de adolescentes da minha idade, seus olhares se moveram sobre mim, pararam e depois se desviaram. Claro que eles me encararam. Todo mundo encarava.

Meu cabelo era comprido. Grande coisa isso, mas era de um loiro tão pálido que parecia quase branco. Eu odiava quando as pessoas me encaravam. Fazia com que eu me sentisse como uma albina. Mas eram meus olhos que realmente chamavam a atenção das pessoas. Eles eram de um cinza claro, quase desprovidos de cor.

Zayne dizia que eu parecia a irmã perdida do elfo em *O Senhor dos Anéis*. Aquilo sim inflava minha autoestima. Suspiro.

O crepúsculo começava a cair sobre a capital do país quando eu virava para a Avenida Rhode Island e parava de andar. Tudo e todos ao meu redor desapareceram em um instante. Ali, sob o tremeluzir suave dos postes de luz, eu vi a alma.

Parecia que alguém tinha mergulhado um pincel em tinta vermelha e, em seguida, pincelado sobre uma tela preta macia. Esse cara tinha uma alma má. Ele não estava sob a influência de um demônio, era simplesmente mau por conta própria. A dor pungente no meu intestino chamejou, avivando-se. As pessoas passavam por mim, lançando olhares irritados na minha direção. Alguns até resmungavam. Eu não ligava. Eu nem ligava para suas almas rosadas, uma cor que normalmente eu achava tão bonita.

Finalmente me concentrei na figura por trás da alma — um homem de meia-idade, vestido com um terno e gravata genéricos, a alça da pasta de documentos agarrada por uma mão carnuda. Nada que indicasse perigo ou algo a se temer, mas eu entendia a situação.

Ele cometeu um baita de um pecado.

Minhas pernas se encaminharam para frente, mesmo enquanto meu cérebro gritava para eu parar, para me virar, até mesmo para chamar Zayne. A voz dele seria suficiente para me impedir. Impedir-me de fazer o que cada célula em meu corpo exigia que eu fizesse — fazer o que era *quase* natural para mim.

O homem se virou ligeiramente, os olhos passando pelo meu rosto, descendo pelo meu corpo. A alma dele rodopiou rápido, tornando-se mais vermelha do que preta. Ele tinha idade suficiente para ser meu pai e aquilo era nojento, muito nojento.

Ele sorriu para mim. Sorriu de uma forma que deveria ter me feito correr na direção oposta. Eu precisava ir naquela direção, aliás, porque não importava o quão podre aquele homem era – não importava quantas meninas no mundo me dariam uma medalha de ouro por lidar com ele – Abbot havia me criado para negar o demônio que estava por dentro. Ele havia me criado para ser uma Guardiã e para agir como uma.

Mas Abbot não estava aqui.

Encontrei com o olhar do homem, segurei-o e senti meus lábios se curvarem em um sorriso. Meu coração disparou, minha pele formigou e me senti enrubescendo. Eu queria a alma dele. Queria tanto que minha pele queria se descolar dos meus ossos. Era como esperar por um beijo, quando os lábios estavam prestes a se unirem, aqueles segundos de antecipação sem fôlego. Mas eu nunca tinha sido beijada antes.

Tudo o que eu tinha era *isso*.

A alma daquele homem me chamava como uma canção de sereia. Eu ficava enojada por me sentir tão tentada pelo mal em seu espírito, mas uma alma perversa era tão boa quanto uma pura.

Ele sorriu enquanto me olhava, os nós dos dedos empalidecendo ao redor da alça da pasta. E aquele sorriso me fez pensar em todas as coisas horrendas que ele devia ter feito para portar o vácuo rodopiante ao seu redor.

Um cotovelo se cravou contra a parte inferior das minhas costas. A diminuta partícula de dor não era nada comparada à saborosa antecipação. Apenas mais alguns passos e a alma do homem estaria tão perto, *logo ali*. Eu sabia que o primeiro gosto acenderia o mais doce ardor que se possa imaginar – uma viagem para a qual não havia equivalente. Não duraria muito, mas os breves momentos de puro êxtase perdurariam como um poderoso fascínio.

Os lábios dele nem precisariam tocar nos meus. Apenas um centímetro de proximidade e eu provaria a alma dele – nunca

absorveria toda ela. Absorver a alma dele o mataria e isso era maligno, e eu não era...

Isso era maligno.

Eu recuei, interrompendo o contato visual. A dor explodiu no meu estômago, disparando através dos meus membros. Me afastar do homem era como negar oxigênio aos meus pulmões. A minha pele queimava e a garganta ardia em carne viva quando forcei uma perna atrás da outra. Foi uma luta para continuar a andar, para não pensar no homem e para encontrar o demônio Imitador novamente, mas quando finalmente o avistei, eu expeli o ar que estava segurando. Focar no demônio pelo menos servia como distração.

Eu o segui até um beco estreito entre uma loja de descontos e uma lotérica. Tudo o que eu precisava fazer era tocá-lo, o que eu deveria ter feito no McDonald's. Eu parei na metade do caminho, olhei em volta e soltei um palavrão.

O beco estava vazio.

Sacos de lixo pretos estavam enfileirados contra as paredes de tijolo mofadas. Lixeiras transbordavam com mais dejetos e criaturas disparavam pelo cascalho. Eu estremeci, olhando as sacolas com cuidado. Deviam ser ratos, mas outras coisas se escondiam nas sombras – coisas que eram piores do que ratos.

E muito mais arrepiantes.

Eu segui adiante, analisando a passagem escura, enquanto enroscava o colar entre meus dedos. Desejei ter tido a ideia de colocar uma lanterna na mochila hoje, mas isso não teria feito nenhum sentido. Em vez disso, naquela manhã eu coloquei um novo tubo de *gloss* e saquinhos cheios de biscoitos. Coisas muito úteis.

Um mal-estar repentino correu pela minha espinha. Soltei o anel, deixei-o quicar sobre a minha camisa. Algo não estava certo. Coloquei a mão no bolso da frente da calça jeans, puxando meu celular surrado enquanto me virava.

O demônio Imitador estava a poucos metros de distância. Quando ele sorriu, as rugas do rosto racharam a sua pele. Pedacinhos finos de alface pendiam dos dentes amarelos. Respirei fundo e me arrependi imediatamente. Ele cheirava a enxofre e a carne podre.

Ele jogou a cabeça para um lado, os olhos estreitando-se. Nenhum demônio podia me sentir, porque eu não tinha sangue demoníaco o suficiente fluindo em minhas veias para que eles me detectassem, mas ele me encarava como se estivesse vendo o que eu *realmente* ocultava dentro de mim.

O olhar dele repousou no meu peito e então se ergueu, encontrando o meu. Eu deixei escapar um arfar assustado. Suas íris azuis desbotadas começaram a se agitar como um redemoinho ao redor das pupilas que se retraíam em um ponto fino.

Mas que cacete de asas. Essa mulher não era um demônio Imitador.

Sua forma se ondulou e depois se embaralhou, como uma televisão que tenta reconstruir digitalmente uma imagem. Os cabelos grisalhos e a presilha de cabelo desapareceram. A pele enrugada se suavizou e ficou da cor de cera. O corpo se esticou e se expandiu. A calça verde e o suéter horroroso desapareceram e foram substituídos por calças de couro e um peito largo e musculoso. Seus olhos eram ovais e se agitavam como um mar sem fim, sem pupilas. O nariz era achatado, apenas dois buracos acima de uma boca larga e cruel.

Que cacete de asas voador dos Infernos.

Era um demônio Rastreador. Eu só tinha visto um nos livros antigos que Abbot guardava em seu escritório. Rastreadores eram como os Indiana Jones do mundo dos demônios: eles eram capazes de localizar e levar qualquer coisa que seu domador indicasse. Ao contrário do Indiana Jones, porém, os Rastreadores eram cruéis e agressivos.

O Rastreador sorriu, revelando uma boca cheia de dentes perversamente pontiagudos.

– Te peguei.

Te peguei? Pegou o quê? *Eu?*

Ele se jogou em minha direção e eu corri para o lado, o medo escalando tão rápido que as palmas da minha mão ficaram imediatamente pontilhadas de suor quando toquei no braço do demônio. Explosões de luz neon cintilaram ao redor do corpo do Rastreador, tornando-o nada além de um borrão rosa. Ele não

reagiu à marca. Eles nunca reagiam. Só os Guardiões podiam ver a marca que eu deixava.

O Rastreador agarrou um punhado do meu cabelo, puxando minha cabeça para o lado enquanto agarrava minha camisa pela frente. O celular escorregou da minha mão, estourando no chão. Uma dor aguda se espalhou pelo meu pescoço, irradiando por cima dos ombros.

O pânico subiu como se uma represa tivesse se rompido dentro de mim, mas o instinto me impulsionou a agir. Todas as noites que eu havia passado treinando com Zayne vieram à tona. Marcar demônios podia ser complicado de vez em quando, e embora eu não tivesse habilidades ninja, não havia chances de eu perder sem antes lutar.

Retrocedendo, ergui minha perna e plantei meu joelho exatamente onde faria efeito. Graças a Deus os demônios eram anatomicamente corretos. O Rastreador grunhiu e recuou, arrancando vários fios de cabelo meus. Eu senti uma dor pontiaguda queimar pelo meu couro cabeludo.

Ao contrário de outros Guardiões, eu não podia remover minha pele humana e meter o pau, mas puxão de cabelo acendia minha vadia interna como nenhuma outra coisa conseguia.

Quando meu punho fechado atingiu o demônio na mandíbula, uma dor explodiu ao longo dos nós dos meus dedos enquanto a cabeça do Rastreador virava para o lado. Não foi um golpe fraco. Zayne ficaria tão orgulhoso.

Lentamente, o demônio virou sua cabeça de volta para mim.

– Gostei. Faz de novo.

Meus olhos se arregalaram.

Fiquei arrepiada, e eu sabia que ia morrer. Eu seria despedaçada por um demônio ou, pior ainda, puxada por um dos muitos portais escondidos pela cidade e levada *lá para baixo*. Quando as pessoas desapareciam sem explicações, geralmente era porque elas tinham um novo código postal. Algo como 666, e a morte seria uma bênção em comparação a esse tipo de viagem. Eu me preparei para o impacto.

– Basta.

Nós dois congelamos em resposta à voz profunda e desconhecida que exalava autoridade. O Rastreador reagiu primeiro, dando um passo para o lado. Virando-me, eu vi *quem* era.

O recém-chegado tinha mais de um metro e oitenta, tão alto quanto qualquer Guardiã. Seu cabelo era escuro, da cor da obsidiana, e refletia tons de azul na luz fraca. Mechas preguiçosas caíam sobre a testa e se encaracolavam logo abaixo das orelhas. As sobrancelhas eram arqueadas sobre os olhos dourados e as maçãs do rosto eram largas e altas. Ele era atraente. Bastante atraente. Na verdade, era de uma beleza alucinante, mas a curva sarcástica em seus lábios carnudos esfriava a beleza dele. Vestia uma camiseta preta que se esticava em seu peito e barriga firmes. Uma enorme tatuagem de uma cobra se enroscava em seu antebraço, a cauda desaparecendo sob a manga e a cabeça em forma de diamante descansava no topo da mão. Ele parecia ter a minha idade. Material de qualidade para paixonites – não fosse pelo fato de que não tinha alma.

Eu tropecei quando dei um passo para trás. O que era pior do que um demônio? Dois demônios. Meus joelhos tremiam tanto que pensei que cairia de cara no chão do beco. Uma marcação nunca tinha ido tão mal antes. Eu estava tão ferrada que nem tinha graça.

– Você não deve intervir nisto – disse o demônio Rastreador, e suas mãos se fecharam em punhos.

O cara recém-chegado deu um passo silencioso à frente.

– E você deve ir para o Inferno. Que tal isso?

Hã...

O Rastreador ficou muito quieto, sua respiração pesada. A tensão se tornou uma quarta entidade no beco. Dei outro passo para trás, na esperança de fazer uma fuga rápida. Aqueles dois obviamente não estavam na mesma página um com o outro e eu não queria ser pega no meio disso. Era sabido que quando dois demônios brigam, prédios inteiros podem vir abaixo. Achavam que a causa era fundações defeituosas ou telhados ruins? Sim, claro. Estava mais para uma partida épica até a morte entre demônios.

Mais dois passos para a direita e eu poderia...

O olhar do garoto me atingiu em cheio. Eu respirei fundo, cambaleando com a intensidade daquela mirada. A alça da minha

bolsa caiu dos meus dedos moles. Seus olhos baixaram, cílios grossos caindo sobre suas bochechas. Um pequeno sorriso dançou em seus lábios, e quando ele falou, sua voz era suave, mas profunda e poderosa.

– Mas em que situação você se meteu.

Eu não sabia que raça de demônio ele era, mas considerando como ele se portava como se tivesse inventado a palavra *poder*, eu imaginei que ele não era um demônio inferior como o Rastreador ou o Imitador. De jeito nenhum, ele era muito provavelmente um demônio de Status Superior – um Duque ou um Regente Infernal. Somente os Guardiões lidavam com eles, e isso geralmente acabava em uma carnificina.

Meu coração se jogou contra minha caixa torácica. Eu precisava sair dali o mais rápido possível. De jeito nenhum eu iria enfrentar de igual para igual um demônio de Status Superior. Minhas míseras habilidades me renderiam uma surra memorável. E o demônio Rastreador estava ficando mais furioso a cada segundo, abrindo e fechando os punhos carnudos. As coisas estavam prestes a explodir – e explodir pra valer.

Agarrei minha mochila e a segurei na minha frente como o mais patético dos escudos. Mas para ser sincera, não havia nada nesse mundo além de um Guardião que poderia deter um demônio de Status Superior.

– Espera – ele disse –, não fuja ainda.

– Nem pense em chegar mais perto – eu alertei.

– Eu não pensaria em fazer nada que você não quisesse.

Ignorando o que quer que aquilo significasse, continuei a contornar o demônio Rastreador e ir em direção à saída do beco, que parecia tão incrivelmente distante.

– Você está fugindo – o demônio de Status Superior suspirou. – Mesmo depois que eu pedi, e acho que fui muito educado – ele olhou para o Rastreador, franzindo o cenho. – Eu não fui simpático?

O Rastreador rosnou.

– Sem ofensa, mas não estou nem aí para o quão simpático você foi. Você está interrompendo meu trabalho, seu idiota.

Tropecei no insulto. Além do fato de que o Rastreador estava falando daquele jeito com um demônio de Status Superior, era uma

coisa tão... *humana* de se dizer.

– Você conhece o ditado – retorquiu o outro demônio –, o que vem de baixo não pode me atingir, e eu vou acabar com você.

Que se dane. Se eu conseguisse chegar à rua principal, eu poderia me livrar dos dois. Eles não poderiam atacar em frente aos humanos – todo aquele lance de leis e tal. Bem, se esses dois fossem jogar de acordo com as regras, o que parecia duvidoso. Eu bati em retirada, me apressando em direção à saída do beco.

Não fui muito longe.

O Rastreador me acertou feito um maldito zagueiro da NFL¹, jogando-me contra uma lixeira. Manchas pretas escureceram minha visão. Algo estridente e peludo caiu na minha cabeça. Gritando feito alma penada, estendi a mão e agarrei a coisa se contorcendo. Garrinhas se emaranhavam no meu cabelo. Perto de quase surtar, eu arranquei o rato do meu cabelo e o joguei nos sacos de lixo. Ele guinchou quando quicou nos sacos, então disparou por uma rachadura na parede.

Com um rosnado baixo, o demônio de Status Superior apareceu atrás do Rastreador, agarrando-o pelo pescoço. Um segundo depois, o demônio inferior estava pendurado a vários centímetros do chão.

– Agora, *isso* não foi muito simpático – disse, usando uma voz baixa e ameaçadora.

Girando, ele arremessou o Rastreador como uma saca de feijão. O demônio bateu contra a parede oposta, caindo de joelhos no chão. O demônio de Status Superior levantou o braço... e a tatuagem de cobra se deslocou da sua pele, quebrando-se em um milhão de pontos negros. Eles flutuaram no ar entre ele e o Rastreador, suspensos por um segundo, e depois caíram no chão. Os pontos escorreram juntos, formando uma espessa massa escura.

Não. Não era uma massa, mas uma cobra enorme com pelo menos três metros de comprimento e tão larga quanto eu. Levantei-me, ignorando a onda de vertigens que me atingia.

A coisa se virou na minha direção, erguendo metade do corpo. Seus olhos queimavam um vermelho profano.

Um grito ficou preso na minha garganta.

– Não tenha medo de Bambi – disse o demônio. – Ela está apenas curiosa e talvez com um pouquinho de fome.

Aquela coisa se chama *Bambi*?

Ai, meu deus, a coisa me encarou como se quisesse me devorar.

A... cobra gigante não tentou me lanchar. Quando ela se voltou para o Rastreador, eu quase desabei de alívio. Mas então ela disparou através do pequeno espaço, erguendo-se até sua cabeça monstruosa pairar sobre o demônio inferior petrificado. A serpente abriu a boca, revelando duas presas do tamanho da minha mão e, através delas, uma bocarra que era um buraco negro.

– Ok – o demônio murmurou, sorrindo –, talvez ela esteja com muita fome.

Tomei isso como minha deixa para vazar do beco.

– Espere! – Gritou o demônio, mas como não parei e só corri mais rápido do que nunca, o palavrão que ele proferiu ecoou na minha cabeça.

Atravessei as avenidas que faziam fronteira com o Dupont Circle, passando pela loja em que marquei de encontrar com Stacey e Sam. Somente quando cheguei ao local onde Morris, nosso motorista e faz-tudo, me pegaria, foi que eu parei para respirar.

As almas gentilmente coloridas passavam ao meu redor, mas eu não prestei atenção a elas. Entorpecida até o âmago, sentei-me num banco na calçada. Eu me sentia como se algo estivesse errado. O que diabos tinha acabado de acontecer? Tudo o que eu queria fazer era rascunhar *Nada de novo no front* hoje à noite. Quase devorar uma alma, depois quase ser morta, conhecer o meu primeiro demônio de Status Superior e ver uma tatuagem se transformar em uma anaconda não estavam nos planos, que Inferno.

Baixei os olhos para minha mão vazia.

Ou perder meu celular.

Porcaria.

National Football League, a liga nacional de futebol americano (EUA). (N. E.)

Capítulo 2

Morris não conversou no caminho para a casa na Rua Dunmore. Não foi uma grande surpresa. Morris nunca conversava. Talvez fossem as coisas que ele via acontecendo dentro da nossa casa que o deixava sem palavras. Eu realmente não tinha ideia.

Inquieta à décima potência por ter ficado sentada no banco cerca de uma hora esperando por Morris, eu bati meu pé no painel do carro durante todo o caminho de volta para casa. Eram apenas seis quilômetros, mas seis quilômetros em Washington equivalem a um bilhão de quilômetros em outros lugares. A única parte da viagem que foi rápida foi o trecho privado da estrada levando até a casa monstruosa de Abbot.

Com quatro andares, inúmeros quartos de hóspedes e até uma piscina coberta, parecia mais um hotel do que uma casa. Era realmente um complexo – um lugar onde os Guardiões solteiros do clã viviam e operavam como central de comando. Quando nos aproximamos, pisquei e soltei baixinho um palavrão, o que me rendeu um olhar de desaprovação de Morris.

Seis gárgulas de pedra que não estavam lá aquela manhã agora estavam empoleiradas na beira do nosso telhado. Visitas. Era só o que faltava.

Eu tirei os pés do painel e peguei minha bolsa no chão do carro. As formas curvadas eram uma visão formidável contra a noite estrelada, mesmo que tivessem as asas fechadas e os rostos virados para baixo.

Em sua forma de repouso, Guardiões eram quase indestrutíveis. O fogo não conseguia machucá-los. Cinzéis e martelos não podiam romper seu invólucro. As pessoas tinham tentado usar todo tipo de arma desde que os Guardiões vieram a público. Os demônios também tinham tentado isso desde, bem, sempre, mas os Guardiões só eram fracos quando em forma humana.

No momento em que o carro parou na frente da enorme varanda, eu pulei para fora e subi rapidamente os degraus, derrapando para parar na frente da porta. No canto superior esquerdo da varanda, uma pequena câmera se ajustou para onde eu estava. A luz vermelha piscava. Em algum lugar das enormes salas e túneis sob a mansão, Geoff estava na sala de controle atrás das câmeras. Sem dúvida se divertindo por me fazer esperar.

Eu dei a língua para câmera.

Um segundo depois, a luz ficou verde.

Revirei meus olhos quando ouvi a porta ser destrancada. Abri e deixei minha bolsa cair no hall de entrada. Fui direto para as escadas. Depois de reconsiderar, eu girei e corri em direção à cozinha. Encontrando o lugar felizmente vazio, eu desenterrei da geladeira um rolo de massa de biscoito amanteigado. Eu parti um pedaço e depois subi as escadas. A casa era um cemitério de sossego. A esta hora do dia, a maioria estaria no centro de treinamento subterrâneo ou já haveria saído para caçar.

Todos menos Zayne. Desde que consigo me lembrar, Zayne nunca tinha saído para caçar sem me ver primeiro.

Subi os degraus três de cada vez enquanto mastigava a massa de biscoito. Limpando meus dedos pegajosos na saia jeans, eu empurrei a porta do quarto de Zayne com meu quadril e congelei. Eu precisava seriamente aprender a bater.

A princípio, vi seu brilho branco perolado e luminoso — uma alma pura. Diferente de uma alma humana, a essência de um Guardião era pura, produto do que eles eram. Pouquíssimos humanos mantinham uma alma assim quando começavam a exercer o tal livre-arbítrio. Devido à mácula do sangue demoníaco que eu carregava, eu sabia que não tinha uma alma pura. Eu não tinha certeza se sequer tinha uma alma. Eu nunca poderia ver a minha.

Às vezes... às vezes eu não achava que aquele era o meu lugar, com eles – com Zayne.

Uma sensação de vergonha se enroscou no meu estômago, mas antes que pudesse se espalhar como fumaça nociva, a alma de Zayne se desvaneceu e eu não estava mais pensando em nada.

Zayne acabava de sair do banho, puxando uma camiseta preta sem estampa por cima da cabeça, mas não rápido o suficiente para

que eu perdesse o vislumbre do seu abdômen. O treinamento rigoroso mantinha seu corpo esculpido e firme. Eu arrastei meu olhar para cima quando a pele nua foi coberta. Cabelos claros e úmidos se colavam ao pescoço e rosto esculpido. Suas características seriam perfeitas demais, não fosse por aquele par de olhos azuis diluídos que todos os Guardiões tinham.

Caminhei até a ponta da sua cama e me sentei. Eu não deveria pensar em Zayne do jeito que eu fazia. Ele era a coisa mais próxima que eu tinha de um irmão. Seu pai, Abbot, tinha nos criado juntos, e Zayne me via como a irmãzinha que de alguma forma acabou ganhando.

– E aí, Laylabélula? – ele perguntou.

Parte de mim adorava quando ele usava meu apelido de infância; outra parte – a parte que não era mais uma garotinha – detestava. Eu o espreitei através dos meus cílios. Ele estava completamente vestido agora. Que pena.

– Quem está no telhado?

Ele se sentou ao meu lado.

– Alguns viajantes de fora da cidade precisavam de um lugar para descansar. Abbot lhes ofereceu camas, mas eles preferiram o telhado. Eles não... – ele parou de repente, inclinando-se para frente, agarrando minha perna. – Por que seus joelhos estão arranhados?

Meu cérebro meio que entrou em curto-circuito quando a mão dele tocou minha perna nua. Uma vermelhidão quente tomou minhas bochechas, espalhando-se para baixo. Eu olhei para as maçãs do rosto dele e aqueles lábios – ai, meu Deus, aqueles lábios eram perfeitos. Mil fantasias desabrocharam. Todas elas envolviam eu, ele e a capacidade de beijá-lo sem sugar sua alma.

– Layla, no que você se meteu hoje à noite? – ele soltou minha perna.

Sacudi a cabeça, dissipando aqueles sonhos desesperançosos.

– Hum... bem, nada.

Zayne se aproximou, me encarando como se pudesse ver através das minhas mentiras. Ele tinha uma capacidade assombrosa de fazer isso. Mas se eu lhe dissesse tudo, como a parte sobre o demônio de Status Superior, eles nunca mais me deixariam sair de

casa em paz. Eu gostava da minha liberdade. Era meio que a única coisa que eu tinha.

Suspirei.

– Eu pensei que estava seguindo um Imitador.

– E você não estava?

– Não – desejei que ele tocasse minha perna novamente. – Acabou sendo um Rastreador fingindo ser um Imitador.

A rapidez com que ele mudava de cara gostoso para Guardiã de cara fechada era incrível.

– O que você quer dizer com “o Rastreador estava fingindo”? Eu forcei um dar de ombros casual.

– Eu realmente não sei. Eu o vi no McDonald’s. Ele tinha o apetite de um Imitador e se comportou como um, então eu o segui. Acontece que não era um Imitador, mas eu o marquei.

– Isso não faz sentido. – Sua testa se enrugava, uma expressão comum sempre que ele estava analisando algo em sua mente. – Demônios Rastreadores são garotos de recados ou são convocados por algum idiota para encontrar algo estúpido como olhos de sapo ou o sangue de uma águia careca para um feitiço que inevitavelmente irá contra-atacar. Fingir ser um Imitador não é normal para eles.

Eu me lembrei do que o Rastreador havia dito. *Te peguei*. Era como se estivesse me procurando. Eu sabia que precisava contar isso a Zayne, mas o pai dele já era um saco no que se tratava de saber para onde eu ia e com quem estava. E Zayne era praticamente obrigado a contar tudo a seu pai, já que Abbot era o chefe do clã de Guardiões de Washington. Além disso, eu devia ter ouvido errado, e os demônios raramente tinham motivo para fazer coisas estranhas ou inesperadas. Eles eram demônios. Era explicação suficiente.

– Você está bem? – perguntou Zayne.

– Sim, estou bem – eu fiz uma pausa. – Mas eu perdi meu telefone.

Ele riu, e, cara, eu adorava o som da sua risada. Profunda. Rica.

– Caramba, Layla, quantos são até agora este ano?

– Cinco. – Eu olhava fixamente para suas estantes de livros abarrotadas, suspirando. – Abbot não vai me dar um novo. Ele acha

que eu perco de propósito, mas não é verdade. Eles simplesmente... deixam de me seguir.

Zayne riu mais uma vez, me cutucando com seu joelho coberto pela calça jeans.

– Quantos você marcou hoje à noite?

Pensei nas horas depois da escola, antes de me encontrar com Stacey e Sam.

– Nove. Dois eram Imitadores e os outros eram Demonetes, com exceção do Rastreador. – O demônio que Zayne provavelmente nunca encontraria, já que havia uma boa chance de que Bambi o tivesse comido.

Zayne assobiou baixinho.

– Boa. Vou ficar ocupado essa noite.

E isso era o que os Guardiões faziam. Geração após geração, eles mantinham a população demoníaca sob controle desde muito antes de virem a público. Eu tinha apenas sete anos quando aconteceu, então eu não me lembrava como as pessoas reagiram. Tenho certeza de que a grande revelação incluiu uma grande quantidade de surtos. Curiosamente, eu me mudei para a casa de Abbot mais ou menos na mesma época.

Os Alfas, os tipos angélicos que mandavam em tudo, entenderam que precisava haver o bem e o mal no mundo – a Lei de Equilíbrio. Mas, dez anos atrás, algo aconteceu, e os demônios começaram a jorrar aos montes pelos portais, criando caos, pois causavam estragos em tudo o que encontravam pela frente. Seres humanos possuídos se tornaram um enorme problema, e foi nesse momento que as coisas ficaram fora de controle.

Os queridinhos do Inferno não queriam mais ficar nas sombras e os Alfas não podiam deixar a humanidade saber que os demônios eram reais. Abbot me disse uma vez que aquilo tinha a ver com livre-arbítrio e fé. O ser humano precisava acreditar em Deus sem saber que o Inferno realmente existia. Dispostos a fazer qualquer coisa para manter a humanidade no escuro sobre os demônios, os Alfas emitiram seu mandato. Parecia um grande risco e que os humanos eventualmente descobririam a existência dos demônios, mas quem era eu?

Apenas alguns poucos humanos sabiam a verdade. Além de Morris, havia alguns dentro dos departamentos de polícia, do governo e, certamente, pessoal militar ao redor do mundo que sabiam da existência de demônios. Esses humanos tinham suas próprias razões para manter a população em geral no escuro, razões que não tinham nada a ver com fé. O mundo entraria em colapso se os humanos soubessem que havia demônios pedindo seu café da manhã bem ao lado deles.

Mas era assim que as coisas funcionavam. Os Guardiões ajudavam os departamentos de polícia a capturar criminosos, e alguns desses criminosos eram demônios, que podiam até ter um passe livre para fora da prisão, mas que iam direto para o Inferno e não voltavam. Se os demônios se expusessem ao mundo, os Alfas destruiriam todos os demônios que estavam na superfície, incluindo uma euzinha meio-demônio.

– As coisas estão ficando meio fora de controle – disse ele, mais para si mesmo do que para mim –, os Imitadores estão muito mais ativos. Alguns Guardiões em outros distritos já encontraram Capetas.

Meus olhos saltaram.

– Capetas?

Enquanto Zayne assentia, uma imagem das criaturas enormes e bestiais se formou em meus pensamentos. Capetas não deveriam estar na superfície. Eles eram como um macaco mutante e um pitbull misturados em uma criatura só.

Zayne se curvou para a frente, procurando alguma coisa embaixo da cama. Mechas de cabelo caíram para frente, ocultando seu rosto. Agora eu podia encará-lo abertamente. Zayne era apenas quatro anos mais velho que eu, mas, sendo um Guardião, ele era muito mais maduro que a maioria dos caras humanos da sua idade. Eu sabia tudo sobre ele, exceto como ele *realmente* era em sua verdadeira forma.

Essa era a questão com as gárgulas. A aparência que eles usavam durante o dia não era quem eles realmente eram. Pela milionésima vez, eu me perguntei sobre a verdadeira forma de Zayne. Sua versão humana era atraente, mas, ao contrário dos outros, ele nunca me permitiu ver sua aparência verdadeira.

Como eu era apenas meio-Guardiã, não conseguia mudar como fazia um Guardiã normal. Eu estava para sempre presa na forma humana, irremediavelmente imperfeita. Os Guardiões não lidavam bem com imperfeições no geral. Se não fosse por minha habilidade única de ver almas e marcar aqueles que não as tinham, eu seria bastante inútil no grande esquema das coisas.

Zayne se sentou, um pedaço de pelúcia na mão.

– Olha quem eu encontrei. Você o deixou aqui algumas noites atrás.

– Senhor Melequento! – Agarrei o ursinho de pelúcia esfarrapado, sorrindo. – Eu estava me perguntando onde ele estava.

Os lábios de Zayne se curvaram em um sorriso.

– Eu não consigo acreditar que você ainda tem esse urso.

Eu deitei na cama de costas, segurando o Sr. Melequento contra o peito.

– Você me deu ele.

– Isso foi muito tempo atrás.

– Ele é meu bicho de pelúcia favorito.

– Ele é seu *único* bicho de pelúcia – Zayne se esticou ao meu lado, olhando para o teto. – Você chegou em casa mais cedo do que eu esperava. Achei que você estivesse estudando com seus amigos?

Eu dei de ombros, meio torta.

Zayne tamborilou com os dedos ao longo de seu abdômen.

– Isso é meio esquisito. Você geralmente reclama para ter um horário mais tarde pra voltar pra casa, mas não são nem nove da noite.

Eu mordi meu lábio.

– E daí? Eu contei o que aconteceu.

– Daí que eu sei que você não está me contando tudo. – Algo na maneira como ele disse aquilo me fez virar a cabeça em sua direção. – Por que você mentiria para mim?

Nossos rostos estavam próximos, mas não perto o suficiente para ser perigoso. Zayne confiava em mim e acreditava que eu era mais Guardiã do que demônio. Pensei na cobra... e no garoto que não era realmente um garoto, mas um demônio de alto escalão.

Estremeci.

Zayne estendeu a mão, cobrindo o pequeno espaço entre nós, e a colocou em cima da minha. Meu coração bateu mais forte.

– Me diz a verdade, Laylabélula.

Eu me lembrava com clareza da primeira vez em que ele me chamou assim.

Foi na noite em que me trouxeram para esta casa. Aos sete anos, eu estava apavorada pelas criaturas aladas com dentes irregulares e olhos vermelhos que me levaram do lar adotivo que me acolhia na época. No momento em que eles me colocaram no saguão dessa mesma casa, eu vasculhei por tudo e me enrolei como uma bolinha no fundo do primeiro armário que encontrei. Horas depois, Zayne tinha me persuadido a sair do meu esconderijo, segurando um ursinho de pelúcia imaculado e me chamando de Laylabélula. Mesmo aos onze anos, ele me parecia imenso, e daquele momento em diante eu o seguia para todo canto, coisa que os Guardiões mais velhos gostavam de reclamar com ele.

– Layla? – ele murmurou, segurando minha mão com mais firmeza.

As palavras pareciam cair da minha boca.

– Você acha que eu sou má?

As sobrancelhas dele se arquearam.

– Por que você acha isso?

Olhei para ele incisivamente.

– Zayne, eu sou meio demônio...

– Você é uma Guardiã, Layla.

– Você diz isso o tempo todo, mas não é a verdade. Eu sou mais como uma... como uma mula.

– Uma mula? – ele repetiu lentamente, erguendo ainda mais as sobrancelhas.

– Sim, uma mula. Você sabe, meio cavalo, meio burro...

– Eu sei o que é uma mula, Layla. E eu realmente espero que você não esteja se comparando com uma.

Não respondi nada, porque eu estava. Como uma mula, eu era um híbrido estranho – metade demônio, metade Guardiã. Por causa disso, eu nunca seria unida a outro Guardiã. Se os demônios soubessem o que eu era, nem eles me aceitariam. Então, sim, eu pensei que a comparação era adequada.

Zayne suspirou.

– Só porque a sua mãe era o que era, não faz de você uma pessoa ruim, e com certeza não faz de você uma mula.

Virando a cabeça, voltei a encarar o nada. O ventilador girava, vertiginoso, criando sombras estranhas pelo teto. Uma mãe demoníaca que eu nunca conheci e um pai de quem eu não me lembrava. E Stacey achando que sua família monoparental era confusa. Com uma mão, brinquei nervosamente com o anel no meu pescoço.

– Você sabe disso, né? – Zayne continuou, sério. – Você sabe que não é uma pessoa má, Layla. Você é boa, inteligente e... – Ele parou, sentando-se e pairando sobre mim como um anjo da guarda. – Você... você não tomou uma alma essa noite, tomou? Layla, se você tomou, precisa me dizer agora mesmo. Vamos pensar em alguma coisa. Eu nunca deixaria meu pai saber, mas você tem que me dizer.

É claro que Abbot nunca poderia saber se eu fizesse algo assim – nem mesmo por acidente. Por mais que ele se importasse comigo, ainda me expulsaria. Tomar uma alma era proibido por uma tonelada de razões morais.

– Não, eu não tomei uma alma.

Ele me olhou fixamente e, em seguida, seus ombros se ergueram.

– Não me dá um susto desses, Laylabélula.

Tive um ímpeto de apertar o Sr. Melequento.

– Desculpa.

Zayne se abaixou, tirando o ursinho de minhas mãos.

– Você cometeu erros, mas aprendeu com eles. Você não é má. Isso é o que você precisa se lembrar. E o que está no passado deve ficar lá.

Mordi meu lábio inferior, pensando nesses “erros”. Tinha havido mais de um. O primeiro deles tinha sido o que levou os Guardiões ao lar adotivo em que eu estava. Eu tinha acidentalmente tomado uma alma de um dos cuidadores – não toda, mas o suficiente para que a mulher tivesse que ser hospitalizada. De alguma forma, os Guardiões ficaram sabendo disso através de sua rede e me localizaram.

Até hoje, eu não entendia por que Abbot tinha me acolhido. Os demônios eram uma questão bem simples para os Guardiões. Não existia algo como um demônio bom ou inocente. Ser parte demônio significava que eu deveria ter caído sob a velha prerrogativa “demônio bom é demônio morto”, mas, por alguma razão, eu fui diferente para eles.

Você sabe por que, sussurrou uma voz feia na minha cabeça, e fechei os olhos. Minha capacidade de ver almas e a falta delas – produto do meu sangue demoníaco – era uma ferramenta valiosa na batalha contra o mal, mas os Guardiões podiam sentir demônios quando estes se aproximavam o suficiente. Sem mim, o trabalho deles seria mais difícil, mas não impossível.

Pelo menos era isso que eu dizia a mim mesma.

Zayne virou minha mão, deslizando seus dedos entre os meus.

– Você comeu a massa de biscoito de novo. Guardou algum para mim desta vez?

Amor verdadeiro significava compartilhar desejos estranhos por comida. Eu acreditava tanto nisso. Abri os olhos.

– Ainda tem meio pacote.

Ele sorriu, deitando-se de lado dessa vez, mantendo sua mão envolta na minha. Seu cabelo caiu sobre a bochecha. Eu queria afastá-lo do rosto dele, mas não tive coragem.

– Eu vou te dar um celular novo amanhã – disse ele finalmente.

Eu sorri com alegria para Zayne, como se ele fosse meu fabricante pessoal de celulares.

– Por favor, me dá um com tela *touchscreen* dessa vez. Todo mundo na escola tem um.

Zayne arqueou uma sobrancelha.

– Você destruiria um em questão de segundos. Você precisa de um daqueles telefones tijolão com antena.

– Vai me deixar super popular. – Eu torci meu nariz enquanto olhava para o relógio de parede. Ele precisava ir embora muito em breve. – Acho que eu devia ir estudar ou algo assim.

A pele dourada de Zayne se enrugou quando ele sorriu.

– Não vá ainda.

Nada nesse mundo poderia deter o calor que se formava em meu peito. Olhei para o relógio de cabeceira mais uma vez. Ele tinha

mais algumas horas antes de sair para caçar os demônios que eu tinha marcado. Agradecidamente, eu rolo para o meu lado, e o Sr. Melequento ficou entre nós.

Ele desenlaçou os dedos dos meus e arrancou alguns fios do meu cabelo.

– Seu cabelo está sempre cheio de nós. Você já aprendeu a usar uma escova?

Dei uma tapa na mão dele, afastando-a, e estremei ao lembrar do rato. – Sim, eu sei como usar uma escova, seu idiota.

Zayne soltou uma risadinha, voltando aos meus cabelos embaraçados. – Olha essa boca, Layla.

Eu me acalmei enquanto ele gentilmente desembaraçava alguns dos emaranhados no meu cabelo. Essa coisa de tocando-no-meu-cabelo era novidade, e eu não me importava. Ele segurou os fios pálidos entre nós, os olhos se estreitando em concentração.

– Preciso cortar o cabelo – murmurei após alguns segundos.

– Não – Ele ajustou o cabelo por cima do meu ombro. – É... bonito longo. E combina com você.

Meu coração praticamente explodiu e virou mingau.

– Você quer saber como foi a escola hoje?

Seu olhar brilhou. Com exceção de mim, todos os Guardiões haviam sido educados em casa e a maioria das aulas da faculdade de Zayne foram on-line. Ele ouviu enquanto eu contava sobre o trabalho no qual eu tinha conseguido um oito, a briga no refeitório entre duas meninas por causa de um garoto e como Stacey acidentalmente se trancou *dentro* do escritório do orientador escolar depois da aula.

– Ah. Eu quase ia esquecendo – Fiz uma pausa, bocejando longamente. – Sam quer te entrevistar para o jornal da escola. Algo sobre você ser um Guardião.

Zayne fez uma careta.

– Sei não. Não podemos dar entrevistas. Os Alfas veriam isso como orgulho.

– Eu sei. Eu disse a ele pra não criar expectativas.

– Melhor assim. Meu pai surtaria se achasse que eu estava falando com a imprensa.

Eu ri.

– Sam não é a imprensa, mas entendi o que você quis dizer.

Ele me manteve acordada por mais algum tempo, fazendo uma pergunta atrás da outra. Contra minha vontade, adormeci. Ele já tinha ido embora muito antes de eu acordar, para caçar demônios. Talvez até alguns de Status Superior. Talvez até o garoto demônio com a cobra chamada Bambi.

Com os olhos turvos, peguei meu livro de biologia. Eu tive três segundos de paz antes que uma alma suavemente verde entrasse na minha linha de visão. Levantei a cabeça, inalando profundamente. Eu gostava de estar na presença de almas inocentes. Elas eram bem banais e não tão tentadoras quanto...

Um punho bateu no meu braço.

– Você perdeu o grupo de estudos, Layla!

Eu tropecei para o lado, me apoiando na porta de um armário.

– Caramba, Stacey, isso vai me deixar roxa.

– Você deu um bolo na gente. De novo.

Fechando a porta do meu armário, me virei para minha melhor amiga. Stacey tinha alguma força por trás de seus socos.

– Desculpa. Eu tive que correr para casa. Surgiu uma emergência.

– Sempre surge uma emergência. – Ela me fitou. – É ridículo. Você sabe que eu tive que ficar lá e ouvir Sam falar sobre quantas pessoas ele matou em *Assassin's Creed* por uma hora inteira?

Enfiei meus livros na bolsa, rindo.

– Isso parece péssimo.

– É, foi. – Ela tirou um elástico de cabelo do pulso e fez um rabo de cavalo curto. – Mas eu te perdoo.

Stacey sempre me perdoava pelos meus atrasos ou por não aparecer para as coisas. Eu realmente não entendia o porquê. Às vezes, eu era uma amiga terrível, e não era como se Stacey não fosse popular. Ela tinha muitos outros amigos, mas desde o primeiro ano do ensino médio, ela parecia gostar de mim.

Nos misturamos na multidão de alunos. A mistura de perfume e odor corporal revirava meu estômago. Meus sentidos estavam ligeiramente aguçados. Nada super extraordinário como um

demônio puro-sangue ou um Guardiã, mas, infelizmente, eu podia sentir cheiros que a maioria dos humanos não conseguia.

– Sinto muito por ontem à noite. Eu nem cheguei a estudar para a prova de biologia.

Ela olhou para mim, seus olhos como duas amêndoas se estreitando. – Você parece que ainda nem acordou.

– Eu estava tão entediada na sala de aula que cochilei e quase caí da cadeira. – Olhei para um grupo de atletas curvados perto da estante vazia de troféus. Nosso time de futebol era uma porcaria. Suas almas eram um arco-íris de azuis suaves. – O senhor Brown gritou comigo.

Ela soltou uma risada.

– O senhor Brown grita com todo mundo. Então você não estudou nada?

Almas cor-de-rosa cercando um grupo de alunos risonhos do segundo ano chamou a minha atenção.

– Quê?

Soltando um suspiro sofrido, ela disse:

– Biologia; sabe, a ciência da vida? Estamos a caminho da aula. Temos uma prova.

Eu desviei meu olhar do rastro de luzes bonitas, franzindo a testa.

– Ah. Dã. Não, como eu te disse, não estudei nadinha.

Stacey trocou o peso dos livros para o outro braço.

– Te odeio. Você não abriu um livro e provavelmente ainda vai tirar um dez. – Ela tirou a franja dos olhos, balançando a cabeça. – Então não é justo.

– Não sei não. A senhora Cleo me deu um oito na última prova, e eu realmente não tenho ideia do que vai cair nessa. – Eu enruguei a testa, percebendo como isso era verdade. – Cara, eu realmente devia ter estudado ontem à noite.

– Você ainda tem as anotações de Sam? – Ela agarrou meu braço, me tirando do caminho de outro aluno. Eu vi de relance uma alma de um rosa profundo borrada com listras vermelhas.

– Nossa, ele estava super de olho em você.

– Hã? – Eu olhei para Stacey. – Quem?

Ela olhou por cima do ombro enquanto me puxava para mais perto.

– O cara em que você quase esbarrou, Gareth Richmond. Ele ainda está te olhando. Não! – Ela chiou no meu ouvido – Não olha agora. Fica óbvio demais.

Eu lutei contra o impulso natural de me virar e olhar.

Stacey soltou uma risadinha.

– Na verdade, ele está olhando pra sua bunda – Ela soltou meu braço, se endireitando. – É uma bela bunda.

– Obrigada – murmurei, meu olhar seguindo uma alma azul-poeira que envolvia um cara à nossa frente.

– Gareth olhando seu traseiro é uma coisa boa – Stacey continuou –, o pai dele é dono de metade do centro da cidade e as festas que ele dá são muito da hora.

Eu virei no corredor estreito que levava à sala de biologia.

– Acho que você está apenas imaginando coisas.

Ela negou com a cabeça.

– Não dê uma de desentendida. Você é bonita. Mais bonita do que aquela vaca ali.

Meu olhar foi direto para onde Stacey apontava. Uma fraca aura roxa cercava Eva Hasher, o que significava que faltava apenas algumas ações de menina malvada para ganhar o status de alma questionável. Minha garganta se apertou de repente. Quanto mais sombria ou pura era a alma, mais forte era a tentação.

As almas *muito* ruins e as *muito* bondosas eram as mais atraentes, o que tornava Eva muito interessante para mim, mas consumir a alma da menina mais popular da escola não seria muito legal.

Eva se encostou em um armário, cercada pelo que Stacey chamava de rebanho das vacas. Ela deu uma dedada para Stacey com uma unha perfeitamente pintada de azul e então olhou para mim.

– Vejam só! É a vadia das gárgulas.

Seu bando de seguidoras estúpidas riu. Revirei os olhos.

– Ai. Criativa.

Stacey retribuiu o gesto da outra garota com as duas mãos.

– Que vaca estúpida.

– Tanto faz. – Dei de ombros. Ser chamada de vadia por Eva sabendo do estado de sua alma era irônico demais para me deixar

brava.

– Você sabe que ela e Gareth terminaram, né?

– Foi? – Eu não conseguia acompanhar a vida daqueles dois.

Stacey assentiu.

– Sim. Ele cortou o rosto dela de todas as fotos no Facebook. Trabalho bem mal feito também, porque dá para ver o braço ou a perna dela na metade das fotos. De qualquer forma, você deveria sair com ele só para irritá-la.

– Como que ele olhar a minha bunda acabou comigo saindo com um cara que nem sabe meu nome?

– Ah, tenho certeza que ele sabe seu nome; provavelmente sabe o tamanho do seu sutiã também. – Ela passou na minha frente, empurrando a porta da sala de biologia. – Sim, há alunos do sétimo ano mais altos que você. Mas caras como ele querem pegar você e colocar no bolso. Cuidar de você.

Eu passei por ela, rindo.

– Essa é a coisa mais idiota que você já disse.

Ela me seguiu até nossos lugares no fundo da sala de aula.

– Você é tipo uma bonequinha de olhos grandes e cinzas e boca fazendo beicinho.

Eu lancei a Stacey um olhar fulminante enquanto me ajustava na cadeira. Na maioria dos dias eu parecia um personagem assustador de anime.

– Você tá dando em cima de mim ou algo assim?

Stacey sorriu maldosamente.

– Eu viraria gay por você.

Eu bufei enquanto pegava as anotações de Sam.

– Eu não viraria gay por você. Agora Eva Hasher? Podia ser.

Ela arquejou, agarrando a frente de sua camisa.

– Essa doeu. De qualquer forma, mandei mensagem pelo menos uma dúzia de vezes ontem à noite e você não respondeu nem uma vez.

– Foi mal. Eu perdi meu celular. – Virei uma página, me perguntando em que idioma Sam tinha rabiscado essa porcaria. – Zayne deve me dar um novo hoje. Espero que seja *touchscreen* como o seu.

Desta vez Stacey suspirou.

– Meu Deus, será que Abbot pode me adotar também? Na moral. Eu quero um irmão adotivo gostoso também. Em vez disso, tenho um irmão chorão que faz cocô nas calças. Eu quero tanto um Zayne.

Tentei ignorar o súbito choque incandescente de possessividade que correu pelas minhas veias.

– Zayne não é meu irmão.

– Graças a Deus por isso. Caso contrário, você seria atormentada por sentimentos incestuosos o tempo todo e isso é nojento.

– Eu não penso no Zayne dessa maneira!

Ela riu.

– Que mulher hétero nesse mundo não pensa em Zayne dessa maneira? Eu mal consigo me manter respirando quando o vejo. Todos os caras da escola têm abdômen mole. Dá pra ver que não é o caso de Zayne. Ele é tipo o molho especial com molho extra.

Isso Zayne era, e ele não tinha abdômen mole, mas eu passei a não ouvir Stacey depois daquele ponto. Eu realmente precisava estudar para essa prova e não queria que minhas fantasias envolvendo Zayne ocupassem minha mente agora. Especialmente depois que acordei esta manhã cuidadosamente enrolada debaixo das cobertas. A cama tinha o cheiro dele: sândalo e roupa de cama limpa.

– Ai, meu Jesus em uma manjedoura – Stacey murmurou.

Eu apertei minha mandíbula, colocando minhas mãos sobre meus ouvidos.

Ela me deu uma cotovelada forte na minha lateral. Nesse ritmo, eu estaria coberta de hematomas antes da hora do almoço.

– Nossa aula de biologia ficou um bilhão de vezes mais interessante. E mais gostosa, muito, muito mais gostosa. Minha nossa, eu quero ser a mãe dos filhos dele. Não agora, claro, mas definitivamente mais tarde. Mas eu gostaria de começar a praticar em breve.

A parede celular é uma camada espessa e rígida que cobre o plasma blá, blá, blá, células vegetais...

Stacey enrijeceu de repente.

– Ai, meu Deus, ele tá vindo...

Composto por gordura e açúcar...

Sabe-se lá de onde, algo fino e brilhante caiu, aterrissando no meio das anotações de Sam. Piscando com força, levei alguns segundos para reconhecer o adesivo desbotado e meio descascado das *Tartarugas Ninjas* cobrindo a parte de trás do celular prateado.

Meu coração bateu contra minhas costelas. Agarrando as bordas do caderno, levantei lentamente meu olhar. Belos olhos sobrenaturalmente dourados encontraram os meus.

– Você esqueceu isso ontem à noite.